

Escolas públicas são o verdadeiro caos

MARGARETH MARMORI
Da Editoria de Cidade

Por mais que as autoridades digam o contrário, a situação real das escolas da rede oficial de ensino do Distrito Federal demonstra, principalmente nas cidades-satélites, o verdadeiro abanico a que estão submetidas. A questão da segurança continua sendo apontada como um dos grandes problemas e as crianças, professores e funcionários estão sempre sujeitos a agressões morais ou físicas. Na Escola-Classe 37, do Setor P Norte, da Ceilândia, durante uma aula, a sala chegou a ser invadida, por incrível que pareça, por um rapaz montado a cavalo. Mas os problemas não se resumem à falta de segurança.

A paisagem dominada pela poeira na Ceilândia tem escolas que, ao longe, aparentam uma enorme desolação. Ao chegar mais perto, verifica-se que a desolação não é só aparente e atinge não apenas o visual das escolas, mas também os ânimos de toda a comunidade escolar. Vidros quebrados, pisos imundos, banheiros em péssimas condições de uso, espaço reduzido, salas abafadas e falta d'água são algumas das dificuldades enfrentadas no cotidiano das escolas.

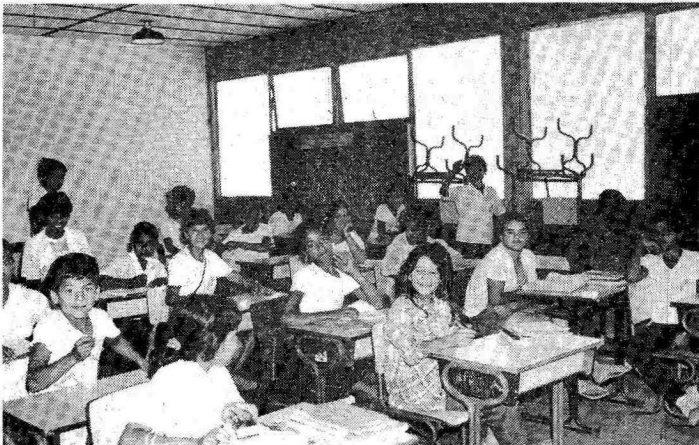
A precariedade da segurança ficou comprovada neste final de semana na Escola 37. Um grupo de rapazes invadiu-a na madrugada de sábado para domingo e pichou as paredes dos banheiros, cantina e diversas salas de aula. O único vigia, que trabalhava das 18h às 6h, não pôde fazer muita coisa para impedir o ato de vandalismo que não perdou o quadro de uma das salas. Segundo a diretora da Escola, Maria Etienne Cosmo, mesmo durante o dia não há tranquilidade.

Ela diz que os muros baixos facilitam a entrada de marginais; apesar de acreditar que mesmo com muro alto o problema continuaria porque "os elementos estranhos à comunidade entram pelo portão mesmo". Etienne explica que conta apenas com um porteiro para vigiar duas entradas durante todo o dia. Se o porteiro sai para ir ao banheiro o caminho fica livre para quem quiser entrar. Uma das consequências disso é que sequer uma sala de aula, à exceção da destinada ao ensino especial, que não tenha pelo menos uma janela com vidros quebrados.

CAVALEIRO

A maior parte das janelas em fibra de vidro foi derrubada ou está solta e prestes a cair. Em algumas salas as janelas são mantidas com cadeiras escoradas no vidro. No entanto, essa solução improvisada tem provocado resultados bastante negativos. Um dos alunos de Elisete Alves teve o ombro machucado quando uma cadeira que

Fotos: JOAQUIM FIRMINO



Na Escola do Setor P Norte as crianças estudam como podem

servia de escora para a janela caiu. Elisete, que leciona para a 4ª série, foi a professora que teve sua aula invadida pelo cavaleiro.

"Eu estava dando aula e de repente entrou um garoto montado a cavalo, desfilou na sala e saiu numa boa", comenta Elisete. Ela conta que o cavaleiro foi aluno da escola, mas acabou sendo expulso. A professora afirma que é comum suas aulas serem interrompidas por sujeitos estranhos. Muitas vezes acontecem de garotos darem murros nas janelas, apavorando os alunos. Outros professores também dizem que fatos como esses são comuns em suas salas.

Uma vez, através de uma das janelas quebradas, Elisete pediu a um garoto que parasse de bater na janela e prejudicar sua aula. A reação do adolescente não foi nada boa. "Ele deu a volta, foi até a porta da minha sala e ficou xingando a mim e a meus alunos", relata. Indignada, ela correu atrás do garoto que fugiu rapidamente. "Se eu pego aquele menino eu não me responsabilizaria pela surra que daria nele", diz, apesar de saber que o mais provável seria ela levar a surra já que os invasores da escola nunca são pequenos.

Na opinião de Elisete fatos como esses acabam prejudicando sua relação com os alunos porque afetam a autoridade do professor. Para ela, os jovens delinquentes são um péssimo exemplo aos alunos que, muitas vezes, passam a não respeitar mais os professores. Para a diretora, a única forma de solucionar o problema da segurança nas escolas seria a permanência de um policial durante todo o período de funcionamento da escola.

A falta de segurança acarreta problemas em outros setores. Todo o material de Educação Física, por exemplo, fica trancado numa sala, que originalmente estava destinada aos funcionários. Toda vez que o professor quer ensinar vôlei aos alunos precisa montar as traves da rede para depois guardá-las no depósito improvisado. As cestas de basquete são chumba-

das numa parede externa da escola. Tudo isso é necessário para evitar que roubem o material.

A área de Educação Física é uma das que mais sofrem com a falta de espaço, outro grande problema da escola. Sem dispor de nenhum local apropriado para atividades esportivas, as aulas de educação física são desenvolvidas em pequenos espaços entre o muro e as instalações da escola. Algumas aulas chegam a ser lecionadas em sala por absoluta falta de espaço. Quando necessário, os professores e alunos vão para um terreno baldio, ao lado da escola, onde são feitas as atividades físicas em meio à poeira.

VAQUINHA

Na semana passada as aulas na Escola Classe 37 foram suspensas durante dois dias devido à falta de água que, aliás, é frequente. A qualidade da água não é muito boa porque desde a fundação da escola, em 1982, a caixa d'água nunca foi limpa. Apesar de terem sido reformadas há pouco tempo, as torneiras dos bebedouros estão quebradas e as descargas dos vasos sanitários não funcionam. De acordo com Etienne, o material usado na reforma era de péssima qualidade, o que levou os professores e funcionários a fazer uma "vaquinha" para um conserto provisório das torneiras.

O número de funcionários da escola é insuficiente para todo o trabalho, principalmente os de limpeza. São oito serventes para limpar as 20 salas de aula de manhã e à tarde, além de outras 10 salas da administração, corredores e banheiros. No total, a escola tem 1 mil 308 alunos e 60 professores.

Um outro problema é o fato de a Escola 37 receber oito turmas de alunos que não são seus. Alunos da 7ª série do Centro de Ensino 5, por falta de espaço, assistem às aulas na 37. Segundo Etienne, isso é muito prejudicial para os alunos mais novos. "Os menores estão tentando imitar os maiores e acabam tornando-se mais agressivos"